

## NOVAS RELAÇÕES ENTRE INDÚSTRIA E TERRITÓRIO NO CEARÁ

José Eudázio Honório Sampaio<sup>1</sup>

### RESUMO

As relações existentes entre a indústria e o território no Ceará sofreram modificações devido às dinâmicas político-econômicas nos primeiros vinte anos do século XXI. Nesse contexto, o sistema produtivo cearense foi reorganizado territorialmente por meio da integração global e da estruturação de configurações espaciais que refletem a diversidade da estrutura produtiva e a inserção do estado em redes globais de produção. Assim, o objetivo deste trabalho é compreender as novas relações entre a indústria e o território no Ceará. O resultado são as configurações espaciais produtivas que representam a forma como cada tipo de produção se territorializa, com base nas relações multiescalares, sistemas técnicos e relações institucionais, constituindo um complexo emaranhado de redes, normas e escalas, como exemplificado pelo Sistema Industrial Localizado (SIL) da confecção do vestuário de Fortaleza e o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP). O processo em curso é contraditório, pois, à medida que se integra cada vez mais nas redes produtivas globais, o sistema produtivo mantém sua desigualdade espacial.

**Palavras-chave:** Indústria Cearense, Território, Configurações Espaciais Produtivas.

### ABSTRACT

The existing relationships between industry and territory in Ceará have undergone changes due to the political-economic dynamics in the first twenty years of the 21st century. In this context, the productive system of Ceará has been territorially reorganized through global integration and the structuring of spatial configurations that reflect the diversity of the production structure and the state's integration into global production networks. Therefore, the objective of this study is to understand the new relationships between industry and territory in Ceará. The result is the productive spatial configurations that represent how each type of production territorializes itself, based on multiscale relationships, technical systems, and institutional relations, constituting a complex web of networks, norms, and scales, as exemplified by the Localized Industrial System (SIL) of clothing production in Fortaleza and the Industrial and Port Complex of Pecém (CIPP). The ongoing process is contradictory because, as it integrates more into global production networks, the productive system maintains its spatial unequal.

**Keywords:** Ceará Industry, Territory, Productive Spatial Configurations.

### RESUMEN

Las relaciones existentes entre la industria y el territorio en Ceará han experimentado cambios debido a las dinámicas político-económicas en los primeros veinte años del siglo XXI. En este contexto, el sistema productivo de Ceará ha sido reorganizado territorialmente a través de la integración global y la estructuración de configuraciones espaciales que reflejan la diversidad de la estructura productiva y la inserción del estado en redes globales de producción. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es comprender las nuevas relaciones entre la industria y el territorio en Ceará. El resultado son las configuraciones espaciales productivas que representan cómo cada tipo de producción se territorializa, basado en relaciones a múltiples escalas,

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (ProPGeo/UECE); Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Científico e Tecnológico (FUNCAP); e-mail: eudaziosampaio@gmail.com.

sistemas técnicos y relaciones institucionales, constituyendo una compleja red de redes, normas y escalas, como se ejemplifica en el Sistema Industrial Localizado (SIL) de la producción de prendas de vestir en Fortaleza y el Complejo Industrial y Portuario de Pecém (CIPP). El proceso en curso es contradictorio porque, a medida que se integra más en las redes de producción globales, el sistema productivo mantiene su desigualdad espacial.

**Palabras clave:** Industria Cearense, Territorio, Configuraciones Espaciales Productivas.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos, as relações entre indústria e território no Ceará foram modificadas em decorrência das dinâmicas político-econômicas em curso, resultando em um sistema produtivo articulado em múltiplas escalas. As fraturas nos circuitos e nas redes multiescalares, no contexto das mudanças neoliberais disseminadas mundialmente, como destacado por Pereira Júnior (2022), influenciaram na reformulação do padrão de organização e acumulação da indústria brasileira, obrigando-a a se subordinar às redes globais de produção e, conseqüentemente, acentuando sua dependência externa.

Os sistemas produtivos, ao se estabelecerem na relação direta entre o território e a organização dos circuitos de produção, circulação e consumo, superam a divisão tradicional entre atividades primárias, secundárias e terciárias, passando a articular diferentes fatores, atividades produtivas, agentes e escalas (CARROUÉ, 2013), o que possibilita uma análise mais assertiva da organização espacial das atividades produtivas.

O objetivo deste trabalho é, portanto, compreender as novas relações entre indústria e território no Ceará. Para alcançar tal propósito, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre temas pertinentes à pesquisa, um levantamento documental e estatístico sobre a indústria e o sistema produtivo no Ceará, e, por fim, um trabalho de campo em duas configurações espaciais produtivas.

Neste trabalho, o estado do Ceará foi tomado como ponto de partida para a discussão da nova organização espacial e funcional da produção que se efetiva de maneira transescalar e desigual no território. Lido através das novas relações entre produção, território e escala, o sistema produtivo e suas configurações espaciais apontam para os novos caminhos interpretativos das atividades econômicas a partir da Geografia.

## METODOLOGIA

A metodologia do trabalho contou com as seguintes etapas: a) levantamento bibliográfico sobre as discussões: Sistema Produtivo e indústria no Ceará, Território e Redes globais de produção, a partir da busca realizada nos sítios e de maneira presencial nas



bibliotecas das universidades (Universidade Estadual do Ceará (UECE); Universidade Federal do Ceará (UFC); Universidade Vale do Acaraú (UVA)), no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES); no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; e nas principais Revistas Acadêmicas Nacionais e Internacionais, com produções nos temas.

b) Levantamento documental, a partir dos sítios de organizações governamentais, associações e demais entidades relacionadas às configurações destacadas, com o objetivo de compreender os aspectos ligados às normas, instituições e sistemas técnicos de cada uma delas:

- a) Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE);
- b) Secretaria do Desenvolvimento Econômico (SDE) e Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece);
- c) Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP);
- d) Associação das Empresas do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (AECIPP);
- e) Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção (ABIT);
- f) Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC).

c) Levantamento estatístico em bases de dados, como: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), com número de empregos e vínculos empregatícios na Indústria de Transformação (1990 a 2020); Agência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (ADECE) da SDE: número de empresas com contratos ativos pelo FDI, Investimentos (R\$), empregos e número de pleitos, entre 2015 a 2022); Ministério da Economia - Comexstat – Exportações por municípios no Ceará (valor FOB em US\$) considerando o Sistema Harmonizado (SH2), (2013 a 2022), para compreender a organização territorial da produção e como as configurações espaciais produtivas são estruturadas.

c) Trabalho de campo de caráter exploratório, realizado no CIPP e nos estabelecimentos industriais da confecção do vestuário em Fortaleza, com o objetivo de identificar as principais características das configurações espaciais produtivas selecionadas para análise.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Estudar a organização das atividades produtivas e seus impactos no território implica na compreensão da forma como os sistemas produtivos (CARROUÉ, 2013) e as configurações espaciais (PEREIRA JÚNIOR, 2022) se interligam e se entrelaçam com as redes de globais de produção. Além disso, é necessário compreender os aspectos relacionados aos novos arranjos funcionais, espaciais e escalares de circuitos e redes.

A discussão de sistemas produtivos é uma ferramenta de análise que se pauta numa nova divisão funcional do espaço que considera o conjunto de fatores e agentes que contribuem para a produção, a circulação, ao comércio e ao consumo de riquezas, articulam aspectos das

atividades produtivas, dos territórios e das formações socioeconômicas, bem como suas respectivas mudanças e interações. Esta análise busca superar a divisão estatística tradicional entre setores primário, secundário e terciário, bem como compreender a interrelação e dependência entre as diversas atividades da atividade produtiva (MORCEIRO, 2018) que resultam no mundo hiperindustrial (VELTZ, 2017).

No caso brasileiro cabe destacar também as discussões sobre desindustrialização e/ou reindustrialização para a compreensão de como as atividades industriais se entrelaçam entre diversos setores e ramos produtivos. Cabe também considerar novas tendências regionais, conforme apontado por Diniz e Mendes (2021): 1) a extensão do polígono industrial, com a desconcentração industrial da Região Metropolitana de São Paulo e a expansão para novos espaços no Centro-Sul do país; 2) a desconcentração industrial em direção à região Nordeste, principalmente em setores intensivos em mão de obra e de média-baixa intensidade tecnológica, e instalação de grandes projetos estruturantes, impulsionados por incentivos fiscais e decisões políticas<sup>2</sup>; 3) o investimento em indústria pesada ao longo do litoral fluminense, exemplificado pelo Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj) e o Complexo Portuário-Industrial do Açu; 4) o fortalecimento de atividades agroindustriais estrategicamente posicionadas para exportação e a expansão da fronteira agrícola em direção à região Norte, juntamente com atividades dispersas, principalmente relacionadas à produção de bens de consumo.

Pereira Júnior (2022), ao analisar a organização da atividade industrial brasileira, destaca que esta passou contar com pelo menos quatro eixos de estruturação: 1) manutenção da competitividade por meio da redução de custos, realocação de fábricas, aumento de flexibilidade, redução de salários e encargos previdenciários; 2) acumulação via desoneração tributária, entre estados e regiões, ocasionando a guerra dos lugares; 3) caráter complementar e/ou subordinado que a indústria brasileira assumiu frente às redes produtivas globais, mostrando seu reduzido caráter tecnológico e pouco inovador; e 4) tendência de concentração de gêneros produtivos em porções do território que oferecem as melhores vantagens competitivas para cada um, como a extração e processamento de recursos naturais, na região Norte e Centro-Oeste e setores produtivos de maior densidade tecnológica na região Sudeste, formando verdadeiras especializações produtivas e funcionais no território.

Essas novas tendências criaram diferentes impactos na organização da atividade produtiva no território brasileiro. Uma parcela significativa desses projetos está condicionada à continuidade dos estímulos e das decisões governamentais, especialmente no contexto do

---

<sup>2</sup> Isso inclui as fábricas automotivas da Ford (BA) e da Fiat (PE), a refinaria Abreu e Lima (PE), a petroquímica e estaleiro Atlântico Sul (PE), a siderurgia no Pecém (CE), entre outros.

governo federal. Assim, essas tendências passaram a ter novos rumos a partir de 2016, após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e nos governos subsequentes de Michel Temer (2016-2018) e Jair Bolsonaro (2019-2022).

O território, neste sentido, é considerado em seu caráter relacional e multidimensional, pois compreende movimento e conexões e engloba sua dimensão natural (materialista), a dimensão cultural e simbólica (idealista), e a dimensão política (integradora de diferentes dimensões sociais), além de ser compreendido a partir de suas normas e sistemas técnicos produzindo e sendo produzido em diversas escalas (ARROYO, 2001; HAESBAERT, 2020; PEREIRA JÚNIOR, 2022; SANTOS, 2017).

Esse processo resultou em diferentes configurações espaciais produtivas, que representam a forma como determinados circuitos produtivos se territorializam e se inserem em redes globais de produção. Estas últimas, compreendidas como nexos de funções e operações interconectadas por meio das quais bens e serviços são produzidos, distribuídos e consumidos, estão organizacionalmente mais complexas e cada vez mais globais em sua extensão geográfica (COE, 2020; COE; YEUNG, 2015; DICKEN, 2010; HENDERSON ET. AL, 2002; SANTOS, 2017; SANTOS; SILVEIRA, 2013).

## **PANORAMA DA INDUSTRIALIZAÇÃO CEARENSE**

O processo de industrialização e a organização espacial das atividades produtivas no Ceará foram caracterizados por pelo menos três períodos até 2015, conforme destacado nos estudos de Amora (1994) e Pereira Júnior (2012). O primeiro período foi caracterizado pelo tripé gado/algodão/agricultura e pela subsistência, com o início do povoamento do território através das estradas de boiadas. O crescimento contínuo da agricultura e o excedente dessas atividades influenciaram o desenvolvimento da indústria local, com a criação de fábricas de tecelagem distribuídas em diversos municípios. Essas fábricas desempenharam um papel fundamental na formação da base da produção industrial cearense até 1960.

O segundo, de meados de 1960 até 1979, marcou a consolidação da indústria no estado, a partir das práticas de financiamento da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), da modernização das redes técnicas do território, como distribuição de energia elétrica, estradas e serviços de apoio técnico, e do acesso aos incentivos fiscais e investimentos externos. Assim, houve a reestruturação do sistema produtivo, com a mudança do modelo agrário exportador para um sistema predominantemente influenciado por atividades industriais e urbanas (AMORA, 1994; PEREIRA JÚNIOR, 2012).



No terceiro período, de 1979 a 2015, ocorreu a estruturação das atividades industriais, a partir do “Governo das Mudanças”. Como destaca Pereira Júnior (2012), este foi marcado por: a) criação e aparelhamento de Arranjos Produtivos Locais; b) montagem de um complexo petroquímico/siderúrgico; e c) atração de investimentos industriais de diversos gêneros, responsável por materializar as transformações do espaço industrial do Ceará e inseri-lo no circuito espacial produtivo brasileiro, principalmente enquanto um lugar de reserva.

As mudanças na estrutura produtiva do estado do Ceará foram corroboradas pela ação estatal, por meio das políticas de atração de investimentos industriais, sobretudo a partir do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI), criado em 1979. Que possibilitou a instalação de inúmeros investimentos produtivos, no contexto da guerra fiscal e "guerra dos lugares" (Santos; Silveira, 2013). Além dos programas do FDI, a exemplo do Programa de Incentivos ao Desenvolvimento Industrial (PROVIN), as empresas fizeram uso de incentivos outros como o Fundo de Investimento do Nordeste (FINOR) e o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), inicialmente àquelas ligadas aos gêneros industriais têxtil, alimentar e calçados.

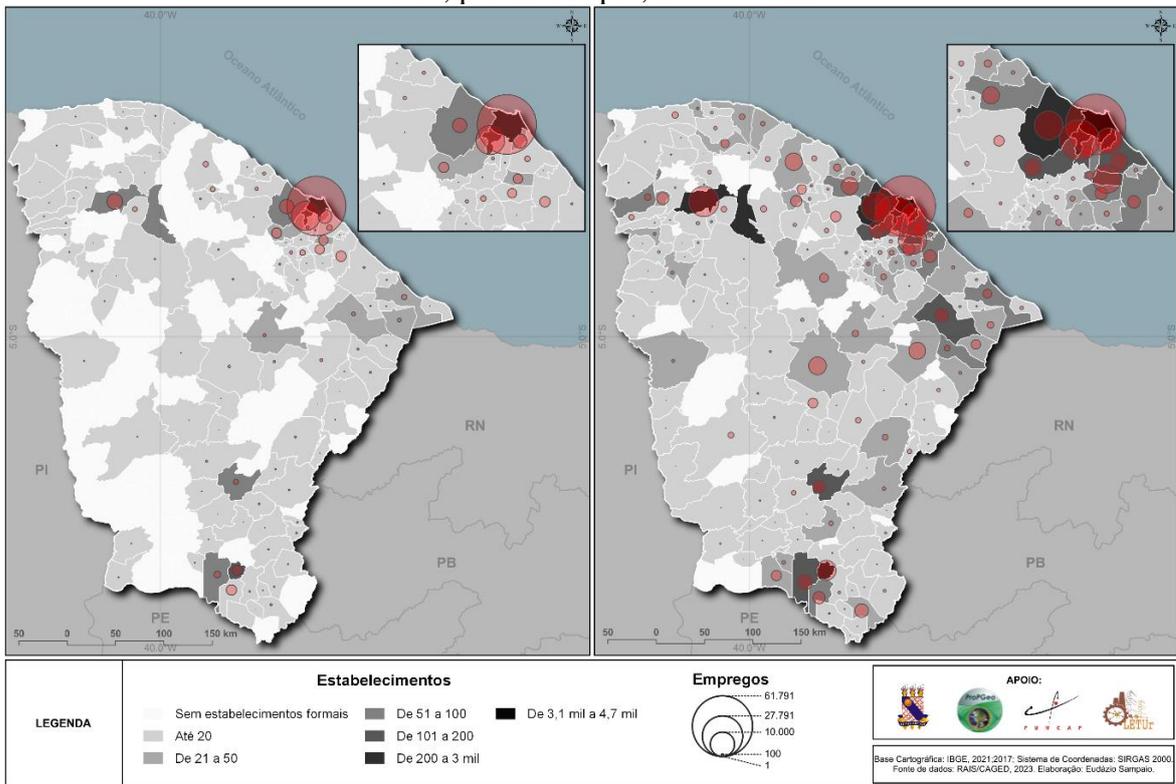
Os impactos territoriais da política de atração de investimentos industriais podem ser analisados a partir da figura 01, que apresenta o mapa dos estabelecimentos e empregos diretos da indústria de transformação por município no Ceará, em 1995 e 2021.

No ano de 1995, o estado do Ceará possuía 4.091 estabelecimentos e 102.481 empregos diretos na indústria de transformação. Em 2021, mesmo no contexto pós-pandemia, esse número aumentou para 6.056 estabelecimentos e 241.247 empregos diretos, representando um crescimento de 148% e 135%, respectivamente.

A análise detalhada dos indicadores, embora evidencie uma dispersão das atividades industriais, revela seu padrão espacial concentrado na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e nos principais centros urbanos do estado, como Sobral, Crato, Juazeiro, Iguatu e Russas. No que tange aos estabelecimentos, em 1995, 74 municípios do estado não possuíam estabelecimento industrial, já em 2021, esse número foi de apenas 21, uma redução de 76%. Os municípios com até 20 estabelecimentos aumentaram no mesmo período, se em 1995 havia 96 municípios nesta classe, esse número subiu para 110, 14,5% a mais. O aumento também ocorreu nas faixas seguintes: na faixa de 21 a 50 estabelecimentos aumentou de 7 para 32 municípios, 357,2%.



**Figura 01** – Mapa dos estabelecimentos e empregos da indústria de transformação no Ceará, por município, 1995 e 2021



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

As faixas que concentravam os maiores números de estabelecimentos mesmo apresentando crescimento, mantiveram o total em números absolutos ainda pequeno, demonstrando o caráter seletivo das atividades industriais: na faixa que vai de 51 a 100, o aumento foi de 4 para 8 municípios<sup>3</sup>; na faixa de 101 a 200 de 2 para 7 municípios<sup>4</sup>; na faixa de 200 para 3 mil, de 2 para 5 municípios<sup>5</sup>; e por fim, na faixa de 3,1 mil a 4,7 mil que não possuíam nenhum município em 1995, em 2021 o município de Fortaleza estava sozinho, com 4.693 estabelecimentos.

Em 1995, no que diz respeito aos empregos, apenas 11 municípios registravam mais de 1.000 empregos diretos na indústria. Esses concentravam um total de 95.070 empregos industriais, representando 93% do total no estado. Dentre eles, 8 estavam localizados na Região Metropolitana de Fortaleza, com a maior concentração na capital, que contava com 59.537 empregos, e Maracanaú, com 14.253. Na sequência, os outros três municípios eram Sobral, Juazeiro do Norte e Barbalha, com 4.242, 1.842 e 1.802 empregos, respectivamente.

<sup>3</sup> Itaitinga (97), Cascavel (92), Pacajus (84), Barbalha (74), Aracati (73), Limoeiro do Norte (17), Tianguá (72) e São Gonçalo do Amarante (63).

<sup>4</sup> Iguatu (184), Russas (156), Aquiraz (142), Crato (138), Horizonte (124), Maranguape (119) e Pacatuba (102);

<sup>5</sup> Juazeiro do Norte (590), Maracanaú (588), Caucaia (497), Eusébio (304) e Sobral (217).



Em 2021, o número de municípios com pelo menos 1.000 empregos aumentou para 32, totalizando 221.993 empregos, o equivalente a 92% do total do estado. Desses 32 municípios, 12 estão localizados na RMF e acumularam 151.986 empregos na indústria de transformação no último ano<sup>6</sup>. Os outros 20 municípios que registraram mais de 1.000 empregos, em 2021, destacam-se como centros urbanos de importância no estado. Sobral lidera com 15.519 empregos (6,43%), mantendo sua posição como o terceiro lugar do estado em número de empregos industriais<sup>7</sup>.

Embora tenha havido uma dispersão dos estabelecimentos, evidenciada pelo aumento do número de municípios em cada faixa destacada no mapa, assim como pelo crescimento dos empregos industriais neles, essa dispersão ocorreu principalmente em direção aos principais centros urbanos anteriormente mencionados. Da mesma forma, a estrutura industrial manteve a concentração de empregos nos setores de calçados (62.156, 25,8%), têxtil e confecção (52.744, 21,9%), e alimentos e bebidas (48.182, 20%).

O principal impacto na estrutura produtiva do estado foi o aumento do número de empregos em municípios fora da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), especialmente aqueles que atraíram estabelecimentos industriais por meio de políticas de incentivos fiscais ligados ao setor calçadista, como Sobral, Quixeramobim, Itapipoca, Morada Nova, Brejo Santo, Itapajé, Crato, Pentecoste, Russas, Santa Quitéria, Senador Pompeu, Uruburetama, Juazeiro do Norte, Quixeré, Canindé, Iguatu, Irauçuba, Barbalha, Camocim, Tauá, Solonópole e Quixadá.

Além dos empregos e estabelecimentos, os indicadores associados à arrecadação do Imposto sobre Produto Industrializado (IPI), à distribuição do Produto Interno Bruto (PIB) e à arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), entre 1995 e 2021, torna evidente uma concentração significativa na RMF, especialmente nos municípios de São Gonçalo do Amarante, Caucaia, Aquiraz e Maracanaú, além da própria capital, Fortaleza.

A análise realizada aponta para o aumento da reprodução da lógica concentradora das atividades industriais no território. Elas favorecem a metrópole e, quando não, são direcionadas aos centros urbanos que possuem maiores densidades técnicas e operacionais, como Sobral e o

<sup>6</sup> Fortaleza liderou com 61.791 empregos, seguido por Maracanaú com 27.471, Caucaia com 13.876, Aquiraz com 5.006, Horizonte com 13.813, Eusébio com 11.404, São Gonçalo do Amarante com 4.897, Maranguape com 4.778, Cascavel com 2.722, Pacajus com 2.601, Pacatuba com 2.596 e Itaitinga com 1.031.

<sup>7</sup> Logo em seguida, Juazeiro do Norte com 6.706 (2,78%); Quixeramobim com 5.356 (2,22%); Itapipoca com 5.144 (2,13%); Morada Nova com 4.848 (2,01%); Crato com 3.823 (1,59%); Russas com 3.300 (1,37%); Brejo Santo com 3.147 (1,30%); Iguatu com 2.825 (1,17%); Barbalha com 2.533 (1,05%); Frecheirinha com 2.456 (1,02%); Itapajé com 2.189 (0,91%); Pentecoste com 1.848 (0,77%); Santana do Cariri com 1.819 (0,75%); Senador Pompeu com 1.632 (0,68%); Uruburetama com 1.502 (0,62%); Quixeré com 1.499 (0,62%); Aracati com 1.358 (0,56%); Canindé com 1.339 (0,55%); e Marco com 1.164 (0,48%).

Como o que intensifica, como destacou Pereira Júnior (2012), as desigualdades espaciais no sistema produtivo.

Assim, o período que se estende até 2015, final do último mandato de Cid Ferreira Gomes, marca a consolidação da nova organização do território cearense iniciada nos anos de 1979, nos quais recursos públicos foram utilizados para interesse do capital privado. O estado foi transformado em um verdadeiro campo de forças centrípetas e centrífugas (SANTOS, 2017) que resultaram em novas relações entre indústria e território.

Essa nova fase pode ter um primeiro encaminhamento lido a partir das mudanças do Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) e do perfil dos investimentos atraídos. No que concerne à política de atração de investimentos, é fundamental salientar que, ao longo do tempo, ela deixou de ser uma política pública exclusivamente voltada para o setor industrial e passou a abranger diversos outros setores e ramos produtivos<sup>8</sup>. Assim, embora também sejam benéficos para investimentos relacionados à indústria, desde que atendam às normas e critérios, esses representam novas estratégias empregadas para fortalecer e respaldar o novo momento do sistema produtivo cearense.

A tabela 01 a seguir apresenta o número de pleitos aprovados, empregos diretos gerados e investimentos (em reais) dos programas em vigor pelo FDI, no acumulado entre 2015 e 2022.

**Tabela 01** – Número de Pleitos, Empregos e Investimentos dos atuais programas do FDI, 2015 a 2022

Programa	Número de Pleitos	Empregos Diretos	Investimentos (R\$)
PROVIN	111	8.819	6,2 milhões
PROADE	2	3.699	9,7 bilhões
PIER*	1	358	750 milhões
PCDM	30	961	71,4 milhões
<b>TOTAL</b>	<b>144</b>	<b>13.837</b>	<b>11,14 bilhões</b>

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023. Fonte dos dados: ADECE, 2023.

\*Pier criado em 2017.

Em termos de quantidade de pleitos aprovados e empregos diretos gerados, o Provin continua sendo o programa mais significativo, com 77%, representando 111 dos 144 pleitos e 63,7% dos empregos. No entanto, os investimentos gerados pelo Provin correspondem a apenas 6% do total, totalizando um pouco mais de R\$ 622,4 milhões.

<sup>8</sup> Atualmente, dos quatro programas que fazem parte deste fundo, que é a principal política de atração de investimentos do estado do Ceará, apenas o Programa de Incentivos ao Desenvolvimento Industrial (Provin), tem relação direta com o setor industrial. Os demais, Programa de Incentivos às Centrais de Distribuição de Mercadorias (PCDM), Programa de Atração de Empreendimentos Estratégicos (Proade), Programa de Incentivos da Cadeia Produtiva Geradora de Energias Renováveis (Pier).



Essa nova configuração também representa o encaminhamento estratégico da difusão da atividade industrial para além da metrópole. Os municípios com os maiores investimentos e empregos gerados foram São Gonçalo do Amarante, Caucaia e Maracanaú. Os dois maiores pleitos em valores de investimentos foram realizados por meio do Proade (2016) e do Pier (2021), nos municípios de São Gonçalo do Amarante e Caucaia, R\$ 9,7 bilhões e R\$ 750 milhões, respectivamente. Os investimentos corresponderam a 94% do total, entre 2015 e 2022, o que revela o caráter estratégico dos incentivos ligados ao CIPP.

Além disso, no ano de 2022, das 281 empresas com contratos vigentes pelo FDI, 187 estavam localizadas na região imediata de Fortaleza, em até 100 km da capital. Além disso, cerca de 40% (68) eram ligadas à indústria calçadista, embora alguns outros ramos como alimentos, tecnologia, atividades de metalurgia e siderurgia, química, energia e comércio, já integrassem os acordos.

Dessa forma, o Ceará ingressou naquela etapa que é definida neste estudo como a quarta e atual fase de sua atividade produtiva e industrial, chamada de "Fase de Integração Global e adensamento das Configurações Espaciais Produtivas". Essa fase teve início em 2016 e se caracteriza pela reorganização territorial das atividades produtivas, especialmente no que se refere aos conteúdos e processos que se entrelaçam de maneira transescalar.

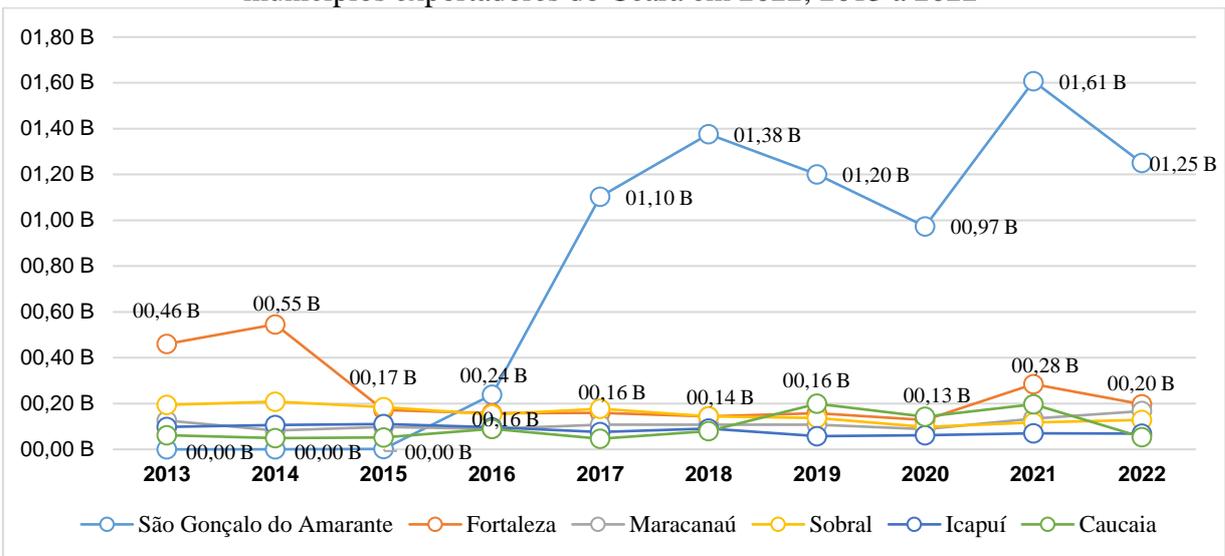
A estrutura das atividades econômicas e produtivas passou a ter como eixos principais: i) a manutenção e expansão dos investimentos industriais atraídos nas décadas anteriores, por exemplo: calçados e alimentos; ii) o fortalecimento do território cearense do ponto de vista da infraestrutura e logística: com o tríplice-hub formado pelos *hubs* de dados e telecomunicações (*Sacs*, da *Angola Cables*), aéreo (*Air France-KLM/Gol*) e portuário (o CIPP e as ações da Autoridade Roterdã, gestora do Porto de Roterdã); iii) exploração do potencial de energias verdes e renováveis, este último ganhou ainda mais relevância após a pandemia e a guerra entre Rússia e Ucrânia; e, iv) a Inovação tecnológica do estado.

Do ponto de vista da integração global, é crucial ressaltar o estreitamento das relações comerciais no que se refere à exportação e importação de produtos. Esse processo está diretamente relacionado à abertura econômica do Brasil e ao maior entrelaçamento das redes de produção em escala global ao longo das últimas décadas. Para este trabalho são destacados os dados de exportações.

O gráfico 1 a seguir apresenta os valores *Free on Board* (FOB) exportados (em bilhões US\$) referente aos seis principais municípios exportadores em 2022, considerando a série histórica de 2013 a 2022. O município que se destacou nas exportações no último ano foi São Gonçalo do Amarante, contribuindo com US\$ 1,25 bilhões, 53,5% do total exportado pelo

estado. No gráfico, é evidente um crescimento significativo, sobretudo a partir de 2016, coincidindo com o início das operações da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP)<sup>9</sup>. Não é coincidência que a exportação predominante, abrangendo 88,5% do total, seja de produtos à base de ferro, ferro fundido e aço, com destaque para produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado<sup>10</sup>.

**Gráfico 1 – Exportações em valor FOB (bilhões de US\$) nos seis principais municípios exportadores do Ceará em 2022, 2013 a 2022**



Fonte: Secex, 2022. Elaborado pelo autor, 2023.

O segundo município em termos de valores exportados em 2022 foi a capital, Fortaleza, contribuindo com aproximadamente US\$ 0,2 bilhões (representando 8,4% do total). Ao contrário de São Gonçalo do Amarante, a capital teve uma queda no período entre 2013 e 2022, registrando uma redução de 50% nesse período<sup>11</sup>.

Os demais municípios destacados variaram entre 7,2% e 2,3% do total. Maracanaú, US\$ 0,17 bilhões (7,2%) e seu principal produto exportado também foram os produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Sobral, com US\$ 0,13 bilhões (5,5%) e seu principal produto exportado sendo os calçados, sobretudo calçado com sola exterior e parte

<sup>9</sup> A CSP possuía a composição acionária formada pela brasileira Vale do Rio Doce (50%) e pelas sul coreanas Posco (20%) e Dongkuk (30%). Em 2023 a CSP foi vendida para a ArcelorMittal.

<sup>10</sup> O segundo produto mais exportado por São Gonçalo do Amarante foi aquele classificado no Sistema de Harmonização como: combustíveis óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais, cerca de 10%.

<sup>11</sup> Os três produtos mais exportados pela capital, segundo o Sistema de Harmonização, foram: 1º Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais, em especial Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos; 2º Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; 3º Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões, em especial cocos, castanha do Brasil e castanha de caju, frescos ou secos, mesmo sem casca ou pelados.

superior de borracha ou plástico; Icapuí, com US\$ 0,07 bilhões (3,0%) e principal produto exportado sendo melões, melancias e papaias (mamões), frescos; Caucaia, com US\$ 0,05 bilhões (2,3%), sendo os principais partes de máquinas e equipamentos elétricos, geradores de energia e conversores rotativos.

O conteúdo dessas trocas comerciais também revela alterações nos produtos exportados, portanto, no perfil daquilo que é produzido no estado. Em 1997, que corresponde ao primeiro ano da série histórica disponível nos registros do governo federal, o Ceará exportava seus produtos para 92 países. Já em 2022, esse número aumentou para 147. Apesar de os Estados Unidos serem o principal parceiro comercial em termos de valores totais, os produtos mais exportados sofreram modificações, refletindo a mudança do sistema produtivo.

Em 1997, o principal produto exportado eram frutas, incluindo cascas de frutos cítricos e de melões, totalizando pouco mais de US\$ 151,9 milhões, o que representou 35,6% do valor total de US\$ 427,2 milhões em exportações. Os Estados Unidos foram o principal destino dessas exportações, e a maioria delas originou-se no município de Fortaleza<sup>12</sup>.

Ainda em 1997 os produtos ligados ao ferro fundido, ferro e aço, em especial as ligas de ferro, foram responsáveis por menos de 2% do total do valor exportado, US\$ 4,8 milhões dos US\$ 427,2 milhões. Essa produção era realizada no município de Banabuiú, por meio da empresa Libra Gás, pertencente ao grupo Cearense Carmomil.

No ano de 2022, as exportações de ferro fundido, ferro e aço do Ceará atingiram o valor de US\$ 1,15 bilhão, o equivalente a 49,4% das exportações do estado. Especificamente, foram exportados produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado, com o México e os Estados Unidos como os principais destinos. O município de São Gonçalo do Amarante se destacou como o principal exportador, contribuindo com US\$ 1,06 bilhão, 95,8% do total das exportações de ferro fundido, ferro e aço<sup>13</sup>.

O impacto territorial dessas mudanças resultou em “configurações espaciais produtivas” que se materializam a partir das mudanças significativas na organização espacial das atividades

---

<sup>12</sup> No mesmo ano, o segundo produto mais exportado foram os calçados, polainas e artefatos semelhantes, juntamente com suas partes, somando US\$ 44,6 milhões (10,5% do total). Os Estados Unidos também foram o principal mercado para essas exportações, e o município de Sobral teve a maior participação nas exportações desse setor, demonstrando o papel da Grendene S.A no município. As terceira e quarta posições em termos de valor exportado foram ocupadas por peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos, que totalizaram US\$ 43,5 milhões (10,2%), e algodão, com um valor de US\$ 42,3 milhões (9,9%).

<sup>13</sup> O segundo produto mais exportado no último ano permaneceu sendo calçados, polainas e artefatos semelhantes, juntamente com suas partes, somando US\$ 291,8 milhões (12,5% do total), o principal município na produção continuou sendo Sobral e o principal destino passou a ser a Colômbia, seguido pelos Estados Unidos. Os produtos na terceira e quarta posição neste último ano foram: combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação, e matérias betuminosas, ceras minerais, com US\$ 172,8 milhões (7,4%); e, frutas, cascas de frutos cítricos e de melões, US\$ 134,9 milhões (5,8%).

produtivas, articulam diversas escalas, manifestam interdependência entre agentes e demarcam centralidades no território.

## **AS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS PRODUTIVAS E AS NOVAS RELAÇÕES ENTRE INDÚSTRIA E TERRITÓRIO NO CEARÁ**

As configurações espaciais produtivas são representações específicas originadas da relação entre um determinado processo produtivo e sua organização territorial. Cada configuração, em sua articulação territorial própria, possui relações institucionais, agentes e sistemas técnicos que são próprias de sua estrutura. Além disso, representam o mundo atual, em que proximidade e transescalaridade são combinadas em função da busca exacerbada por lucros.

Tais configurações indicam as novas nuances de uma estrutura produtiva cada vez mais diversa e desigual, portanto, representam o novo momento da indústria cearense em sua relação com a economia globalizada. Como exemplo empírico são apresentados o Sistema Industrial Localizado da confecção do vestuário, que se estabelece em Fortaleza e em sua região metropolitana e o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP).

O Sistema Industrial Localizado da confecção do vestuário de Fortaleza articula desenvolvimento endógeno, exploração do trabalho e dinâmicas globalizadas. A atividade produtiva teve origem no final do século XIX, graças à disponibilidade de matéria-prima, o algodão, que impulsionou a instalação de fábricas têxteis, substituindo a carne e o charque.

Esta aglomeração produtiva que tem como marca a desarticulação entre agentes, cooperação setorial em termos de desenvolvimento frágil e pouco evidente, mas uma divisão do trabalho industrial bastante expressiva, sobretudo pela dispersão dos estabelecimentos nas periferias de Fortaleza e em sua Região Metropolitana, como Maranguape, Maracanaú, Caucaia, Horizonte, Pacajus, Pacatuba, Cascavel, Aquiraz, Chorozinho e Eusébio.

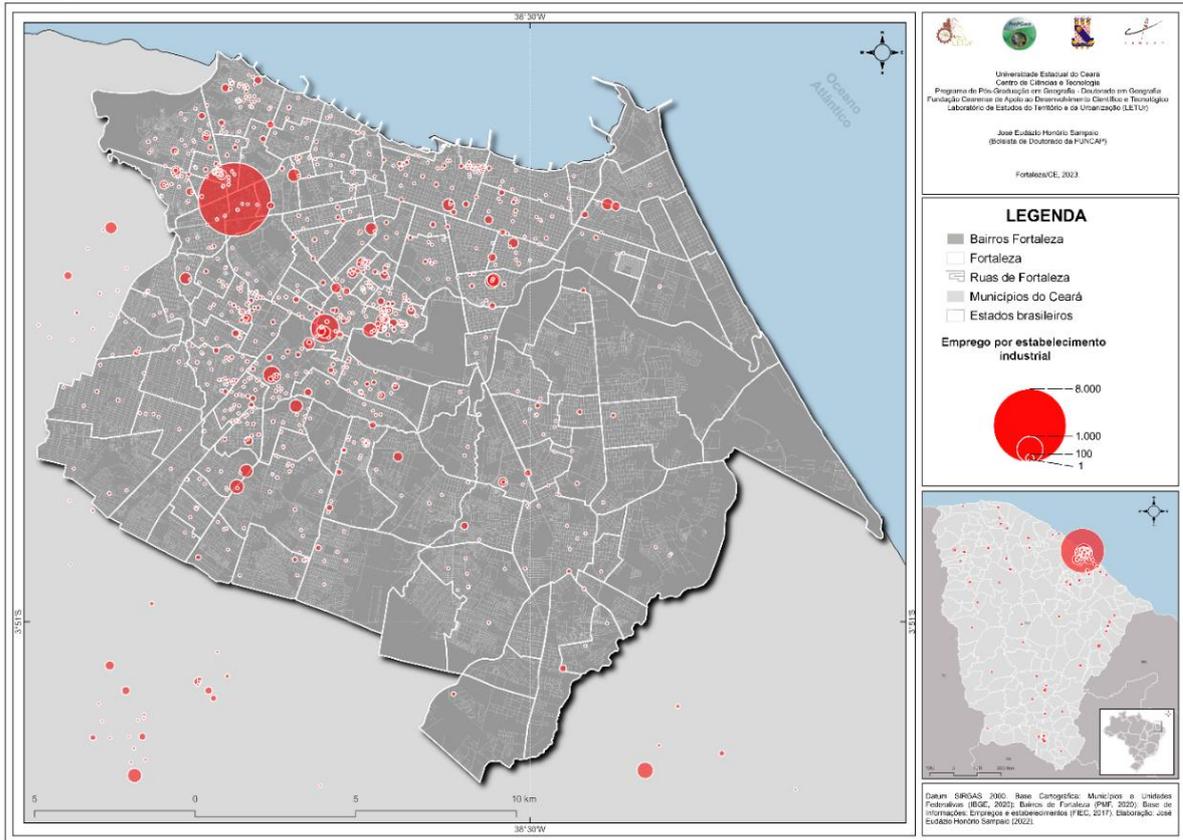
Em 2021, de acordo com a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), esses municípios agruparam 33.155 empregos diretos e 1.881 estabelecimentos, o que equivale a 83% do total do estado nos dois indicadores, que eram de 40.035 empregos e 2.262 estabelecimentos.

No último levantamento realizado pela Federação das Indústrias do Ceará (FIEC) em 2017, foram identificados 1.083 estabelecimentos e 33.087 empregos diretos na indústria de confecção de vestuário no estado do Ceará. O Sistema Industrial Local (SIL) agrupou 1.052 estabelecimentos e 32.661 empregos, representando mais de 97% dos estabelecimentos do estado e mais de 98% do total de empregos diretos.



A manutenção das amenidades territoriais neste aglomerado ocorre por meio da articulação entre flexibilidade, a precarização do trabalho e a pobreza urbana. Isso é complementado pelo aproveitamento do conhecimento historicamente construído, ligado a uma produção dispersa pela periferia da capital cearense (conforme mostrado na figura 02), organizada em modelos produtivos em rede.

**Figura 02** – Mapa das empresas do SIL de confecções do vestuário em Fortaleza, 2017



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

No que se refere ao porte das empresas com base no faturamento bruto anual, os microempreendedores individuais (até R\$ 60 mil), correspondiam a 30% dos estabelecimentos (320) e a 17% (5.460) do número de empregos diretos. Enquanto isso, as microempresas (entre R\$ 60 mil e R\$ 360 mil) concentravam mais de 45% (473) dos estabelecimentos e 20% dos empregos formais (6.599); as pequenas empresas (entre 360 mil e 3.6 milhões) correspondiam, por sua vez, a 17% (17) dos estabelecimentos e a 19% (6.180) dos empregos diretos.

Com relação às médias empresas, a divisão era a seguinte: as médias empresas 01 (com faturamento entre 3.6 milhões e 16 milhões) e as médias empresas 02 (entre 16 milhões e 90 milhões). A primeira faixa possuía 6% do total do aglomerado (61), mas concentravam 37% (12.010) dos vínculos empregatícios. Enquanto a segunda faixa, concentrava 2% (18) dos

estabelecimentos e 4% (1.382) dos empregos. E, por fim, os grandes estabelecimentos, pertencentes à faixa acima de R\$ 90 milhões, possuíam apenas 3% do total de empregos (1.030) e 1% (6) dos estabelecimentos.

No mapa anterior, o principal estabelecimento em termos de empregos pertencia à empresa Guararapes, que controla as lojas Riachuelo. Esse estabelecimento estava localizado no bairro Antônio Bezerra e ocupava uma área de 9.800 m<sup>2</sup>. Quanto ao seu porte, a empresa era classificada como uma média empresa em 2017, quando possuía três fábricas e empregava 8 mil pessoas diretamente na capital cearense. Entre 2021 e 2022, duas dessas fábricas foram fechadas, e em janeiro de 2023, o grupo encerrou as atividades da última fábrica em Fortaleza para concentrar suas operações em Natal (RN) e em pequenas fábricas localizadas no sertão do Seridó.

A empresa possuía incentivos pelo FDI desde 1998, por meio do PROVIN. A Guararapes é um exemplo típico de como as características únicas de uma aglomeração produtiva e os incentivos fiscais proporcionados pelas políticas de atração de investimentos podem transformar o território em um recurso para o lucro de investidores privados.

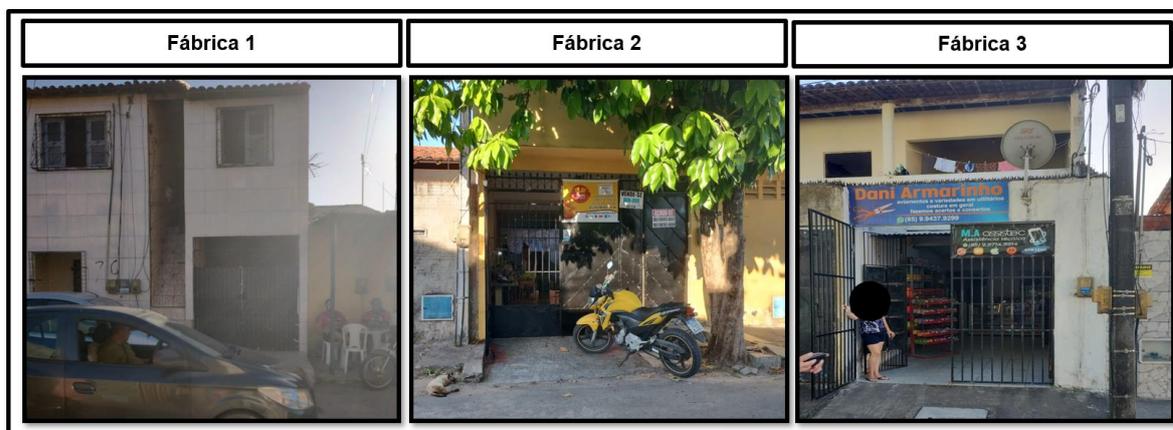
A produção realizada em Fortaleza e nos municípios vizinhos configura este SIL como um dos maiores aglomerados confeccionistas do Nordeste, concentrando não apenas produção, mas importantes centros comerciais, equipamentos bastante estruturados e feiras, classificados em pelo menos nove eixos, pontos e zonas: o Beco da Poeira; o eixo da rua José Avelino e adjacências; o Centro Fashion; Maraponga Mart Moda; o Moda News; o Ceará Fashion; o Shopping Fortaleza Sul; a Feirinha da Avenida Beira-mar; a Avenida Monsenhor Tabosa (ABREU; PEREIRA JÚNIOR, 2021) e, mais recentemente, o Shopping Giga Mall, localizado no bairro Messejana.

A divisão por porte, quando considerado o rendimento bruto anual, é importante para a compreensão do perfil deste aglomerado, que concentra micro e pequenos estabelecimentos, geralmente articulados por etapas específicas da produção para atender ao mercado local ou regional, ao mesmo tempo, em que possui médias e grandes empresas que articulam produção, circulação e consumo em escalas diversas.

As micro e pequenas fábricas de confecções do vestuário (figura 03) apresentam uma ampla diversidade em relação à organização da produção, às relações de trabalho, ao tipo de produto e aos sistemas técnicos envolvidos. Além disso, há variações significativas em como essas empresas estão integradas aos circuitos e redes de produção. Paralelamente, coexistem médias e grandes empresas que terceirizam etapas produtivas para empresas menores e operam em diversas escalas de comercialização.



**Figura 03** – Fábricas da confecção do vestuário em Fortaleza



Fonte: Trabalho de Campo, 2023.

É possível destacar algumas características deste setor: a) uma grande relação com a produção realizada em todo o espaço urbano da metrópole, principalmente nas franjas periféricas da cidade, em casas e fundos de quintais, que marca a dinamização do circuito espacial produtivo em micro e pequenos estabelecimentos, geralmente informais (MUNIZ; SOUZA, 2021; SANTOS, 2014); b) a forte relação com as feiras localizadas na cidade e na região metropolitana, para comercialização, como feiras locais e regionais, mas também o aporte ao setor de turismo; c) uso intensivo de mão de obra, sobretudo trabalho feminino (FEMICRO, 2017); d) baixo capital de investimento para entrada e baixa tecnologia, sendo o trabalho manual ainda muito importante (FEMICRO, 2017); e) o alto nível de informalidade do setor, devido às baixas barreiras de entrada no ramo produtivo e a disponibilidade de mão de obra para atividades meio, como corte de linhas e peças; f) importante atividade econômica ainda hoje, mesmo com a concorrência internacional, sobretudo os produtos Chineses (ABIT, 2018; ABREU; PEREIRA JÚNIOR, 2021).

Enquanto isso, o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) está localizado entre os municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante e é uma *joint venture* formada pelo Governo do Estado do Ceará e pela Autoridade do Porto de Roterdã (Holanda), com área de 13,3 mil ha<sup>14</sup>. Esta configuração representa os aspectos da reestruturação produtiva e territorial que articula novos sistemas técnicos, instituições e relações multiescalares. Seu arranjo

<sup>14</sup> Sua formalização ocorreu em 2017, envolvendo a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) e Cearáportos, então administradora do porto do Pecém. Após um memorando de entendimento entre o estado do Ceará e a *Port of Rotterdam*, o Estado teve de modernizar a legislação e estrutura administrativa, modernizando sua regulação. A atuação da Cearáportos foi expandida e a Zona de Processamento de Exportação (ZPE-CE) passou a ser sua subsidiária. Nesse contexto, a Cearáportos passou a ser CIPP S.A e vinculada à SDE.

institucional e normativo bastante específico, é caracterizado por estruturas distintas ligadas a transportes multimodais, redes de distribuição e materiais de produção de energia elétrica, mercadorias de consumo e indústria pesada, que resultam em especializações econômicas, que conectam condições políticas, econômicas e técnicas geradoras de novas formas de superacumulação (PEREIRA JÚNIOR, 2019).

O CIPP está estruturado em três principais áreas (figura 04):

Figura 04 – Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP)



Fonte: CIPP, 2023. Organizado pelo autor.

1 – A Zona de Processamento de Exportação (ZPE), com isenção fiscal de até 20 anos tanto a nível de impostos estaduais como federais, em funcionamento desde 2013, onde estão instaladas a ArcelorMittal Pecém, a *Phoenix* do Pecém e a *White Martins*;

2 – A Área Industrial, composta por empresas em pelo menos seis eixos: a) Energia (Eneva, EDP, Enel, Portocem; Petrobras; TermoCeará; Aeris Energy); b) Metalurgia/Siderurgia (Aço Cearense, ArcelorMittal Pecém, Gerdau Silat; hydrostec; linde); c) Minerais Não-Metálicos (Cimento Apodi, Votorantim; Mizu, Polimix Concreto; Prefabrick); d) Serviços Logísticos e operacionais (Daniel Transportes, Grupo Cordeiro, Termaco, TB Transportes, TMC – Terminal Multimodal de Cargas, Transleo Logística, Unilink – Serviços Logísticos, VLI Logística; APM terminals); e) Nutrição animal e fertilizantes (Matsuda Ceará, DSM, Ourofértil); f) Estrutura, equipamentos e engenharia (Jotadois, Roca Cerâmica, Sudamin).

O Terminal Portuário do Pecém, um porto *offshore*, com capacidade para receber navios de até 15,3 metros, sete linhas de cabotagem e três de longo curso. Em 2022 movimentou 16,9 milhões de toneladas, das quais 65,2% foram de cabotagem e 34,8% de longo curso. Possui ainda, três píeres marítimos distintos: o píer 1, designado para a movimentação de granéis sólidos, líquidos e carga geral não containerizada; o píer 2, destinado à operação com granéis líquidos; e o Terminal de Múltiplo Uso (TMUT), um píer projetado para a manipulação de carga a granel sólido, carga geral containerizada e não containerizada.

A centralidade territorial é marcada não só por sua situação geográfica frente aos mercados consumidores do mundo, mas também quanto aos eixos de circulação no território brasileiro, como as CE-085, CE-156, CE-155 e CE-348; BR-222, BR-020 e BR-116, ferrovias em funcionamento e a expansão da ferrovia transnordestina.

Conforme observado por Pereira Júnior (2019), a produção resultante tem o efeito de transformar o território em um espaço de interconexão econômica global. Isso ocorre principalmente devido à coexistência de investimentos privados de diversas origens e escalas atuando dentro desse contexto territorial, marcado por contratos flexíveis na parceria público-privada.

As duas configurações espaciais sintetizam algumas das transformações relacionadas às novas formas de organização da produção e seu reflexo no território. Ao transcenderem a lógica da continuidade espacial, elas conectam fluxos transescalares, estabelecem relações entre redes produtivas locais e globais, diversificam circuitos e sistemas técnicos no território e aprimoram suas redes de cooperação, tornando a relação produção, escala e território cada vez mais indissociável.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações entre indústria e território no Ceará foram modificadas no contexto das dinâmicas político-econômicas do país e do mundo nos últimos vinte anos. No entanto, isso aconteceu de maneira desigual no espaço, pois mesmo com a chegada de inúmeros investimentos e com a inserção do estado em circuitos produtivos nacionais e redes globais de produção, houve a manutenção da concentração na Região Metropolitana de Fortaleza.

As contradições e desajustes da atividade produtiva no território, podem ser explicadas pelo aproveitamento das vantagens competitivas e das economias de aglomeração oferecidas pela Região Metropolitana de Fortaleza, bem como por sua situação geográfica, o que reflete na consolidação de importantes configurações espaciais produtivas, como o CIPP e o SIL de confecção do vestuário.

Essas configurações indicam as novas nuances de uma estrutura produtiva cada vez mais diversa e desigual, portanto, representam o novo momento da indústria cearense em sua relação com a economia globalizada. Suas especificidades definidas pelo tipo de centralidade territorial, pelos circuitos produtivos, pelas articulações escalares, pelos aspectos tecnológicos e pelos fixos de infraestrutura, bem como pela mobilidade populacional, tornam cada estrutura única e essencial na compreensão das dimensões produtivas. Elas representam, mesmo que localizadas em pontos distintos nas estratégias de lucratividade de redes globais de produção, a realidade desigual e contraditória dos circuitos produtivos que perpassam o território cearense hoje.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Fabiana Lima; PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. As dinâmicas espaciais do comércio de vestuário em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 12, n. 2, p. 159-181, jul./dez. 2021.
- AMORA, Z. B. Aspectos históricos da industrialização do Ceará. In: SOUZA, S. (Coord.). **História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.
- ARROYO, Maria Mónica. **Território Nacional e mercado externo: uma leitura do Brasil na virada do século XX**. 2001. 278f. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO – ABIT. Relatório setorial, 2018.
- COE, N. M. Global Production Networks. In: **International Encyclopedia of Human Geography**. Singapore: Department of Geography, National University of Singapore, 2020. Elsevier Ltd.
- COE, N. M.; YEUNG, H. W.-C. **Global Production Networks: Theorizing Economic Development in an Interconnected World**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- COURRÉ, Laurent. **La France: Les mutations des systèmes productifs**. Paris: Armand Colin, 2013.
- DICKEN, Peter. **Mudança Global: mapeando as novas fronteiras da economia mundial**. Tradução: Teresa Cristina Felix de Souza. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.
- DINIZ, Clélio Campolina de; MENDES, Philipe Scherrer. Tendências Regionais da Indústria Brasileira No Século XXI. **Texto para discussão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. - Brasília: Rio de Janeiro: IPEA, 2021.
- FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE MICROEMPRESAS E EMPRESAS DE PEQUENO PORTE (CE) – FEMICRO. **Diagnóstico da Cadeia Produtiva de Confecção do Município de Fortaleza – CE**. Fortaleza: FEMICRO, 2017.



HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

HENDERSON, J; DICKEN, P; HESS, M, et al. Global production networks and the analysis of economic development. **Review of International Political Economy.** n.9, v.3, p.436–464, 2002.

MORCEIRO, P. C. **A indústria brasileira no limiar do século XXI: uma análise da sua evolução estrutural, comercial e tecnológica.** 2018. 198 f. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

MUNIZ, A. M. V; SOUZA, B. S. de. Da Fábrica São José ao Centro Fashion: comércio de confecção de Fortaleza. *Revista GeoUECE*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. e202106, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/5527>. Acesso em: 10 jan. 2023.

PEREIRA JUNIOR, Edilson. A Geografia que pensa a indústria para um projeto de Brasil no século XXI. *Revista da ANPEGE*, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/16293>. Acesso em: 05 fev. 2023.

PEREIRA JUNIOR, Edilson. Território, circuitos industriais e sistemas técnicos: articulações escalares em tempos de acumulação capitalista com predominância financeira. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho; OLIVEIRA, Leandro Dias de Oliveira; Tunes, Regina Helena; PESSANHA, Roberto Moraes (Orgs.). **Espaço e economia: Geografia econômica e a economia política.** Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2019. p.321-249.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson. **Território e economia política: uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SANTOS, Marlon Cavalcante. **A dinâmica dos circuitos da economia urbana na indústria de confecção em Fortaleza - Ceará.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. 9. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2017.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

VELTZ, Pierre. **La société hyper-industrielle.** Paris: Seuil, 2017.